

EDITORIAL

Curitiba, 17 de dezembro de 2020.

Prezados leitores e colaboradores:

Divulgamos o terceiro e último número do volume 24 da revista. Neste número, além dos artigos regulares, estamos publicando uma seção especial sobre Psicologia Concreta, com editorial especial, da autoria do Prof. Dr. Helio da Silva Messender Neto (UFBA), a seguir.

A iniciativa de nosso editor, Prof. Bruno Peixoto Carvalho, na proposta e editoração dos artigos da seção (à exceção de sua própria contribuição, avaliada por outro membro da equipe editorial), mostra o vigor e relevância da Psicologia Concreta para o campo geral da Psicologia. Parabenizo tanto ao Bruno quanto aos autores envolvidos na avaliação das submissões e publicação dos artigos, pela qualidade das contribuições à literatura científica, em consonância com a missão desta revista.

Neste final de ano, tivemos mudanças em nossa equipe editorial e de apoio. Agradeço à Profa. Dra. Fernanda Aguiar Pizeta pelo trabalho como editora associada, que finaliza neste ano, bem como à psicóloga e mestrandra do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (DEPSI-UFPR), Márcia Melo de Oliveira Santos, que também deixa nossa equipe neste momento.

Ao final de um ano tão difícil, desejo, em nome da equipe de apoio e de editores associados, uma ótima leitura e um próximo ano em melhores condições para todos nós.

Cordialmente,

Alessandro Antonio Scaduto
Editor chefe da Revista Interação em Psicologia
Departamento de Psicologia - UFPR

ENFRENTANDO O CASTIGO DE SÍSIFO: EM BUSCA DA PSICOLOGIA CONCRETA

Sísifo, na mitologia grega, é um personagem condenado pelos deuses para que, durante toda a eternidade, rolasse

uma pedra de mármore com suas mãos até o topo de uma montanha. Todavia, uma vez que estivesse próximo de atingir o cume e, assim, finalizar o seu trabalho, a pedra rolaria montanha abaixo, invalidando completamente seu esforço diário. Esse mito me parece representar bem o estágio, ainda atual, da psicologia. Sem clareza do seu objeto e métodos, juntamente com a ausência de uma análise histórica radical sobre o ser humano, o que faz a psicologia hoje, como ciência, é um esforço descomunal para oferecer respostas, por vezes, de pseudoproblemas, e não chegar a lugares muito distantes no que tange às questões do seu tempo que precisa enfrentar. Como um caleidoscópio arranhado, cada teoria psicológica nos oferece uma explicação completamente diferente para o mesmo fenômeno, e as considera com sentido e validade. Fragmentada, a psicologia não consegue passar do seu estado abstrato para seu estágio realmente científico, concreto.

Os estilhaços de uma psicologia fragmentada e abstrata também atingem o fenômeno educativo. Não raro, por exemplo, que a psicologia apresentada no processo de formação de professores seja uma mistura de referenciais psicológicos diversos e divergentes, com aplicações sem mediação para a educação. Nos corredores da faculdade de educação, Skinner, Vigotski, Piaget, Wallon e Freud parecem formar um grande time coeso que, supostamente, ajudaria a explicar cada pedaço do estudante que vai à escola. No entanto, o aluno de que se fala na maioria das aulas de psicologia da educação/desenvolvimento não existe de fato, ele é um aluno abstrato, idealizado, a-histórico, e que pouco ajuda os professores na realização da atividade educativa. Trata-se, portanto, de uma psicologia abstrata que ajuda a compor uma pedagogia abstrata.

Diante do rápido cenário que anuncio acima, precisamos celebrar a seção especial Psicologia concreta e suas contribuições para a educação que aqui se apresenta. Ele é o resultado amoroso e rigoroso do simpósio A Psicologia Concreta: o que é e suas implicações para a educação, realizado nos dias 10 e 11 de julho de 2019, na UFSCar, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta (GEPCO). Os membros originais desse grupo têm suas raízes no curso de psicologia da Unesp de Bauru, e, depois de um longo processo de formação e militância, resolveram estudar e pesquisar a psicologia concreta. No seminário que aqui fiz referência, esses pesquisadores, e outros que se somaram ao GEPCO ao longo do processo, decidiram realizar um evento aberto, gratuito e com quatro

mesas que tratavam das suas pesquisas. O simpósio fez o que muitos eventos não fazem no espaço acadêmico: abriu um tempo longo para que o público pudesse debater, questionar e problematizar os estudos da psicologia concreta. O evento foi, dentro de todos os limites postos pelo período, pensado e executado no/e pelo coletivo; as mesas apresentadas podem ser acessadas através da página do Facebook: <https://www.facebook.com/events/2424119554481854/permalink/2550435845183557/>.

O conjunto de textos dessa seção especial amplia, retoma e aprofunda as temáticas que foram discutidas no simpósio. Os três textos que o abrem tentarão responder aquilo que você, leitor, certamente, com essas poucas linhas de apresentação, ainda não entendeu muito bem: o que é mesmo essa tal de psicologia concreta?

O primeiro artigo, intitulado *O que é a Psicologia Concreta? Reflexões politzerianas em torno do problema da crise da psicologia*, escrito por Bruno Peixoto Carvalho, tenta elucidar o que é essa psicologia a partir daquilo que Georges Politzer trata na sua obra *Crítica dos fundamentos da Psicologia*, escrita em 1928. Ressaltando que Politzer é um ilustre desconhecido e, com isso, pouco citado na literatura nacional, o artigo nos apresenta o contexto da obra desse autor e da sua produção. O texto se esforça para mostrar os argumentos utilizados por Politzer ao tratar da fragmentação da psicologia e, com uma agudeza peculiar, apresenta uma análise crítica, ainda que sintética, aos fundamentos e ao método da Psicanálise, Gestalt e do Behaviorismo.

O texto termina, de certo modo, fazendo uma convocação para que os psicólogos de hoje se debrucem sobre expressões contemporâneas da crise da psicologia, incluindo a neuropsicologia, psicotécnica e o cognitivismo, de modo a perceber o que delas é verdadeiro e que se pode superar, por incorporação, na construção da psicologia verdadeiramente científica. Ainda nas linhas finais, o texto também nos põe a pensar se devemos ou não tomar a psicologia histórico-cultural como sinônimo da psicologia concreta, uma vez que, como mais uma vertente da psicologia, teria em si elementos tanto de uma ciência psicológica abstrata quanto concreta.

O movimento feito pelo autor nesse texto é denso. E, certamente, os psicólogos que lerão esse artigo conseguirão transitar mais facilmente pelas sendas conceituais trazidas por ele. Para os educadores, por conta da especificidade dos assuntos relacionados à psicologia, entendo que o caminho poderá ser um tanto mais difícil, no entanto, insisto que é necessário se debruçar sobre as considerações que o autor do artigo faz, para entendermos melhor o conceito de psicologia concreta. Chamo a atenção dos professores e

professoras para, principalmente, a categoria drama presente no texto. O drama, trazido por Politzer, e muito bem explicado no manuscrito, pode ajudar os educadores a pensar, mediados por uma teoria pedagógica concreta, em um conjunto de elementos para a realização de um trabalho pedagógico efetivo.

No texto seguinte, Ligia Márcia Martins ajuda a compor a resposta ao que seja esse concreto da psicologia. No seu texto *O que é a psicologia concreta? Contribuições de Lev. S. Vigotski*, a autora traz as considerações críticas que Vigotski faz à psicologia tradicional no seu texto clássico *O Significado Histórico da Crise da Psicologia: Uma Investigação Metodológica*. Lígia Márcia Martins nos mostra que, com proposições muito semelhantes às de Politzer, Vigotski defende que os fenômenos psíquicos reais só podem ser, de fato, apreendidos se nós caminharmos pela via do materialismo dialético, superando dicotomias estáticas entre individual-coletivo, subjetivo-objetivo, matéria-ideia, e entre tantas outras que habitam a ciência psicológica. A autora nos conduz de maneira generosa pelos princípios do método do materialismo histórico-dialético, e, usando os clássicos do marxismo, nos apresenta o que significa pensar o psiquismo no movimento lógico e histórico, assim como, em alguma medida, os desafios impostos ao tentarmos captar fenômenos concretos do psiquismo na realidade concreta. Ao final, o artigo nos convoca a pensar na vivência como um conceito importante para entendermos como pode um sujeito formado nas bases da história e da cultura ser ao mesmo tempo social e individual. Ao estudarmos, junto com a autora, esse conceito, estando munidos do método dialético que ela nos conduz durante o escrito, é possível perceber como um sujeito se compõe, ao mesmo tempo, em universal e singular na sua vida real.

O terceiro texto, no meu entender, põe a peça faltante (e necessária) para compormos o conceito de psicologia concreta. Ainda passeando pelo método, Larissa Bulhões e Márcio Magalhães da Silva escrevem o texto intitulado *O conceito de unidade mínima de análise como eixo articulador do método marxiano da psicologia concreta*. Se, no texto anterior, o conceito de unidade mínima já tinha aparecido como categoria importante, aqui ele é sublinhado e manejado com muita destreza pelos autores. O artigo destaca que a unidade de análise é o eixo sobre o qual o fenômeno pode ser revelado na sua essência e conhecido na sua totalidade concreta. Os autores mostram que, do mesmo modo que Marx definiu que a unidade mínima de análise da sociedade capitalista é a mercadoria, Vigotski demonstra que o signo é a categoria basilar do psiquismo humano. Desvelando o significado do signo na obra vigotskiana, o texto nos faz

entender o porquê de ele ser o conceito central que submete os nossos processos psicológicos externa e internamente. O artigo finaliza apontando importantes considerações para a análise psicológica do processo educativo, as quais, penso eu, não podem ser desprezadas pelos educadores e formadores de professores.

Destaco que essa tríade de artigos apresentada é essencial para entender o que é a psicologia concreta, mas não é suficiente. O Capital não acaba no primeiro capítulo do primeiro volume, quando Marx explica a mercadoria como elemento central, isso, porque ele precisa dar movimento a este conceito, encharcá-lo de suas múltiplas determinações. Do mesmo modo, precisamos ver em movimento as categorias trabalhadas pelos três textos que iniciam a seção especial e, para isso, os pesquisadores do GEPCO nos oferecem mais quatro artigos.

Dentre as pesquisas apresentadas nos próximos quatro manuscritos, veremos, de maneira materializada, um conjunto de fundamentos que foram tratados durante o primeiro bloco. Concomitantemente, veremos esses mesmos fundamentos sendo (re)significados e aprofundados. É um bonito balé entre geral-específico dos artigos, o que permite o leitor ir entendendo melhor os conceitos que já apareceram, quando, ao mesmo tempo, ele é preparado para os conceitos que estão por vir. Recomendo, inclusive, se me for permitido um conselho, que ao final da seção especial o leitor retorne para os artigos iniciais e perceba o quanto uma segunda aproximação, recheada de novas determinações, torna o texto mais claro.

O quarto texto da seção especial, intitulado *O estudo concreto do desenvolvimento da infância e da adolescência e suas contribuições para a educação*, escrito por Giselle Modé Magalhães, Angelina Pandita Pereira e Juliana Pasqualini, nos brinda com uma potente discussão sobre um estudo concreto da primeira infância, infância e adolescência no Brasil. As autoras sinalizam a necessidade de olharmos para esses períodos, e, portanto, para o desenvolvimento das nossas crianças e jovens. Isso, especialmente, dentro de uma realidade brasileira marcada por um capitalismo dependente e pelas relações desiguais de gênero e raça engendradas neste modo de produção que, certamente, compõe a subjetividade dos sujeitos neste país.

As autoras tomam as categorias que são comumente discutidas quando se fala de periodização do psiquismo dentro da psicologia histórico-cultural (atividade, atividade guia, neoformação etc), mas não trabalham com elas de maneira estática, as colocam em movimento, mostrando os elementos universais e particulares, aquilo que se mantém e

o que se transforma quando olhamos para contextos diferentes daquele em que essa teoria foi produzida.

Sem fazer nenhuma concessão à relativização pós-moderna e, ao mesmo tempo, sem deixar de considerar o sujeito concreto na situação concreta, o artigo não apenas constata alguns elementos de como acontece hoje o desenvolvimento das crianças e jovens, ele também aponta como este desenvolvimento pode ser! Para isso, faz considerações importantes sobre a organização do trabalho educativo no que tange às formas e aos conteúdos de modo a fornecer ferramentas aos professores para promover um ensino desenvolvente considerando os alunos de carne e osso que eles encontram nas múltiplas salas de aula desse país. As autoras ainda apontam a necessidade urgente dos psicólogos encararem os desafios postos quando se fala do desenvolvimento humano na realidade brasileira e avançarem em pesquisas que tratem disso com o método do materialismo histórico-dialético.

O artigo que segue é intitulado *O estudo concreto da atenção e seu desenvolvimento em contexto escolar: aspectos metodológicos*, escrito por Marcelo Ubiali Ferracioli, Rafaela Gabani Trindade e Giselle Modé Magalhães. Os autores nos apresentam um estudo concreto sobre a função psicológica da atenção no contexto escolar, mostrando como ela é resultado do ensino e não apenas seu requisito, como comumente é tratada dentro de uma abordagem organicista. O mérito deste texto não está apenas na sua discussão sobre o processo funcional da atenção, mas na discussão metodológica que é delineada no artigo. Para chegar às conclusões do texto, os autores mostram os procedimentos metodológicos realizados em um estudo empírico que envolveu alunos e professoras de turmas do segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal. Ao expor a discussão procedural do trabalho, os autores nos mostram como uma orientação metodológica do materialismo histórico-dialético evita que os resultados sejam apresentados como uma descrição do cenário empírico, presos aos termos particulares, ao mesmo tempo impedindo que os dados sejam tratados de maneira asséptica e orientados por uma universalidade burguesa.

O artigo nos evidencia, com um exemplar claro, que o materialismo histórico-dialético não exclui das suas pesquisas nenhum procedimento metodológico, seja ele qualitativo ou quantitativo. E, essa mesma orientação metodológica, permite que instrumentos comumente usados pela psicologia tradicional tenham que ser revistos ou mesmo abandonados diante da demanda concreta. A articulação metodológica rigorosa entre teoria e prática em uma pesquisa de campo mostrada só esbarra nos limites de

página da publicação que impedem que alguns aspectos sejam trabalhados com mais detalhes. Os autores sabem disso e indicam bibliografias para que os aspectos ali citados sejam aprofundados, que no meu entender, consultar tais referências será essencial para apreendermos plenamente a riqueza metodológica do objeto analisado. Trata-se de um texto que deve ser lido nas aulas de metodologia da pesquisa, apontando como é possível fazer um estudo empírico dentro do materialismo histórico-dialético.

A cisão entre o afeto e a cognição é, também, uma marca da psicologia abstrata. Uma seção especial que pretende falar de uma psicologia concreta não poderia deixar de tratar das dimensões do campo emocional-valorativo, suas relações com a cognição e o impacto dessa análise para educação. Isso é feito nos artigos A formação de valores no processo educativo do sujeito concreto, escrito por Afonso Mancuso Mesquita, e no texto A educação escolar, dinâmica de formação do caráter e a concretização do processo de formação dos valores pessoais, escrito por Célia Regina da Silva e Júlia Mazinini Rosa.

No texto escrito por Afonso Mesquita, podemos ver como os valores ainda são um tema pouco trabalhado pela psicologia concreta. O autor nos mostra como a dinâmica de valoração surge a partir do trabalho, mas é estendida para os outros complexos sociais. No campo do indivíduo, o artigo nos mostra como há uma articulação entre a dimensão valorativa e os processos de pensamento, mostrando, inclusive, a partir da psicologia soviética, uma periodização dos valores e como eles vão apresentando uma dinâmica de transformação-constância ao longo dos períodos da vida.

As contribuições teóricas trazidas pelo autor nos mostram, por exemplo, como é possível que, em tempos de coronavírus, os governantes possam priorizar a economia em detrimento da vida dos sujeitos. O autor faz um conjunto de provocações ao campo da educação crítica e aponta a necessidade de se avançar na discussão sobre uma educação valorativa de horizonte revolucionário, visto que a apropriação de conteúdos sistematizados só terá sentido se apontar na direção de uma moral socialista. Sem cair completamente em armadilhas neoescolanovistas, o autor aponta para experiências coletivas históricas, dentro e fora da escola pública, a fim de materializar uma produção de valores nos indivíduos que questionam a sociabilidade atual que orienta suas escolhas, primariamente, a partir do valor de troca da mercadoria.

No último texto da seção especial, as autoras Celia Silva e Julia Rosa trazem o conceito de caráter a partir da psicologia concreta. Comumente tratada de modo etéreo ou biologizante, e quase abandonado pela psicologia tradicional moderna, a dinâmica de produção do caráter aqui é abordada

a partir da atividade concreta do indivíduo. Colocando em relevo, o papel do trabalho educativo, as autoras mostram, de modo empírico e teórico, que o processo formativo do caráter da criança, no âmbito da escola, não está apenas no que o professor diz, mas naquilo que o professor faz e, portanto, como organiza o trabalho educativo. Deste modo, as autoras destacam que é inevitável a atuação do educador sobre a formulação dos valores individuais das crianças, tendo consciência disso ou não.

O que as autoras destacam com muita competência, e usando o método marxiano, é que se a discussão sobre a formação dos valores for deixada de lado na formação dos professores, e não ganhar tons conscientes, os educadores reproduzirão, ainda que sem querer, os valores da classe dominante, os quais, hoje, são colocados como universais. Além de não tomarem consciência da sua própria reprodução, em termos de valores burgueses, sem formação, os professores não conseguirão atentar quando as crianças reproduzirem os valores dominantes, e não conseguirão propor práticas educativas eficientes que busquem transmitir valores coletivos universais, inclusive por meio dos conteúdos que ensinam. As autoras nos apresentam um texto com uma proximidade à educação básica quase tangível, o qual fará com que os educadores que se debruçarem sobre esse escrito encontrem princípios, não receitas, para atuar no seu contexto escolar. Atrelado a isso, elas não abrem mão de aspectos teóricos densos que mostram o movimento histórico-cultural da formação da personalidade.

A psicologia concreta não está pronta, todos os artigos nesta seção especial apontam isso. São necessários estudos que aprofundem, questionem e analisem outros aspectos do fenômeno psicológico não abordados aqui, do mesmo modo em que as próprias considerações que foram levantadas nessa seção especial precisariam ser revisitadas. Esse é um trabalho coletivo, e os autores da seção especial têm clareza disso. Deste modo, entendo que estes artigos, mais do que letra morta colocada em papel e registrada em currículos lattes, são uma arma teórica de conscientização e um convite, arrisco dizer, para que cada leitor se engaje na construção de uma psicologia e de uma pedagogia concreta.

Por fim, é preciso destacar, em negrito e sublinhado, que a construção de uma psicologia e uma pedagogia realmente concreta não poderá ser efetivada, plenamente, numa sociedade que reproduz sua existência a partir da exploração do trabalhador, da fragmentação do conhecimento e do fetiche das relações sociais. Não é suficiente, portanto, se quisermos caminhar rumo à psicologia concreta, questionar o psicólogo ou pedagogo que adota essa ou aquela abordagem, que utiliza esse ou aquele método. Como

veremos na maioria desses textos, se quisermos uma psicologia concreta é preciso se somar, sem tergiversar, às trincheiras de uma luta política que quer a superação da sociedade capitalista. Para questionar o castigo de Sísifo, não basta criticá-lo por subir com a pedra todo dia ou tentar tornar a esfera de mármore que ele empurra morro acima mais leve, é preciso derrubar os deuses que o colocaram

neste castigo eterno.

Helio da Silva Messeder Neto

Professor do Departamento de Química Geral e

Inorgânica

Universidade Federal da Bahia